

# **CIDADANIA BRASILEIRA E SEMIFORMAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CHÁCARA BIACICA/DOS FONTOURA E A POPULAÇÃO LOCAL<sup>1</sup>**

Denis Moura Dos Santos<sup>2</sup>

## **Resumo**

No início do século XX, diversos pensadores, entre eles Theodor W. Adorno, passaram a propor a Teoria Crítica da Sociedade, para compreender a sociedade de sua época. Ela tinha críticas à Indústria Cultural, pois ela é vista como conformativa. Após a Revolução Francesa, a burguesia conseguiu obter o domínio da formação cultural, e, a partir do advento do Capitalismo, houve uma maior pressão social sobre a classe proletária, que ficou ainda mais excluída do processo de formação cultural. Esse processo de exclusão fez com que a população ficasse à parte do contexto social que está em sua volta, e, de forma consequente, não desenvolvesse plenamente a cidadania, que pode é definida, geralmente, como o pertencimento a uma sociedade, mas esse conceito não possui definição unificada. As consequências desse processo podem ser vistas na falta de percepção dos moradores de regiões periféricas em relação às questões do Patrimônio Histórico, como o que ocorre com a Chácara Biacica/Fontoura. Nessas terras, outrora chamadas de “Fazenda Biacica” e “Fazenda Itaim”, foi construída, em 1682 a Capela Biacica, dedicada à Nossa Senhora do Carmo. Atualmente, a construção ainda permanece, como “Casarão Biacica”, e depois de anos de abandono, após meados do século XX, essa construção, da mesma forma que a Chácara Biacica, renomeada no século XX como “Chácara dos Fontoura”, faz parte do “Núcleo Itaim Biacica”, do “Parque Várzeas do Tietê”. Os visitantes do Núcleo Itaim Biacica, de outros bairros da cidade de São Paulo demonstram mais interesse na história da Capela/Casarão Biacica e nas questões relacionadas à sua construção, do que os habitantes locais. Nessa linha indicamos que os elementos da cultura de massa são mais reconhecidos pelos habitantes locais do que a história de um edifício que marca a fundação do bairro onde habitam.

## **Palavras-chave**

Chácara Biacica; Itaim Paulista; Cidadania; Semiformação; População Local

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático Memória política e políticas da memória durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo. Mestrando em Estudos Culturais na Universidade de São Paulo. E-mail: denis.moura.santos@alumni.usp.br

## **Introdução**

### ***A Escola de Frankfurt, a Semiformação e a Cidadania no Brasil***

Em 1923 iniciou-se à construção do edifício sede de um novo instituto, vinculado à Universidade de Frankfurt, com o nome de Instituto de Pesquisas Sociais, conhecido como “Escola de Frankfurt”. Entre as principais lideranças estavam Theodor W. Adorno e Walter Benjamin, e foi proposta por esse grupo uma nova abordagem em suas áreas de estudo, para a a melhor compreensão da sociedade de sua época, chamada de Teoria Crítica da Sociedade, e se tornou uma das mais respeitadas e influentes do século XX, e contraponto às pesquisas sociais que existiam até então (RÜDIGER *apud* MOGENDORFF, 2012, p. 153; MARINS, 2018, p. 28). A principal crítica em relação à Teoria Tradicional, é a pretensão dessa ser neutra, com métodos que desconsideravam o sujeito, e levavam em consideração apenas o objeto analisado. Os intelectuais da Escola de Frankfurt entendiam que os estudos deveriam analisar as condições sociopolíticas e econômicas de sua aplicação, para transformar a sociedade (MARINS, 2018, p. 29). O Instituto, que precisou mudar a sua sede por conta do nazismo, retornou a Frankfurt, em 1951, depois do fim da Segunda Guerra Mundial, com o seu nome inicial de Instituto de Pesquisas Sociais, e está sob funcionamento até os dias atuais. O seu financiamento é estatal, e privado, e as suas atividades são financiadas por terceiros (IFS, 2019).

Theodor Wiesengrund Adorno nasceu em Frankfurt em 11 de setembro de 1906, e foi professor da Universidade de Frankfurt, onde se doutorou. Ele critica a indústria cultural, e os questionamentos sobre ela geraram o seu principal trabalho, a “*Teoria da semiformação*”, de 1959, em que analisa a crise da formação cultural, e a dubiedade da cultura, que gera autonomia ou conformação (ADORNO, 2010, p. 9). De acordo com ele, a valorização da educação se inicia a partir da Revolução Inglesa, no século XVII, e da Revolução Francesa, no século XVIII, e elas só obtiveram êxito por conta da formação cultural da burguesia, em boa situação econômica durante o Sistema Feudal, que a fez capaz de ocupar as suas funções administrativas, na posição de elite econômica, pois, sem isso, ela não se consolidaria (2010, p. 14). A partir de então o panorama passa a ser diferente, pois a classe proletária estava atrasada em relação à classe burguesa, e os últimos passaram a dominar a formação cultural, e as tentativas isoladas de educação popular não tiveram êxito, e esse espaço foi preenchido pela Indústria Cultural (2010, p. 14-15). A partir do surgimento do Capitalismo, o trabalhador passou a ser um consumidor de cultura, e passou por uma espécie de “expansão da jornada de trabalho”, visto que, para Adorno, o consumo da cultura enriquece a burguesia, que controla a Indústria Cultural

(2010, p.16). Dessa forma, os produtos culturais deixam de ser valores de uso para serem de troca, e foram incluídos dentro da lógica mercadológica industrial.

No Brasil, a primeira constituição a fazer referência à cidadania foi a Imperial de 1824, que descrevia conjuntamente os direitos civis e os políticos, ao indicar à garantia de propriedade e a liberdade de pensamento, de reunião, e de profissão. De acordo com José Murilo De Carvalho, a independência brasileira de Portugal não tinha base em uma revolução social e política, da mesma forma que na Proclamação da República (2001, p. 8). O conceito de cidadania durante a Era Vargas, segundo Wanderley Guilherme Dos Santos, era o de “cidadania regulada”, onde o considerado “cidadão pleno” era o indivíduo que trabalhava em uma profissão reconhecida (1979, p. 75). O período posterior ao Estado Novo, entre 1945 e 1964, houve uma pequena ampliação dos direitos políticos, mas a limitação para os não alfabetizados ainda excluía os 57% dos habitantes analfabetos (CARVALHO, 2008, p. 145). Com a eclosão de um regime militarista, em 1964, o conceito passou a ser dúbio, constatado na Constituição de 1967 ao mesmo tempo da figura do “senador biônico” e da Lei Falcão. As divergências entre as elites econômicas com o regime militar e as classes trabalhadores, contribuíram para o fim desse regime. O processo de redemocratização terminou com a “Constituição Cidadã” de 1988, em que a cidadania política foi ampliada para os analfabetos (SAES, 2001, p. 404). Apesar disso, Carvalho explica que as consequências da “estadania” ainda permanecem, visto que existe a falta de tradição de uma vida política ativa entre a população, e o Estado assume postura central nas relações entre poder público e a sociedade (2001, p. 8).

### ***Chácara Biacica/Dos Fontoura***

A Chácara Biacica/Dos Fontoura, é considerada como o primeiro núcleo de habitação de três distritos da Zona Leste do município de São Paulo (Itaim Paulista, Jardim Helena e Vila Curuçá), e fica dentro de uma área originada da doação de sesmarias a Domingos de Góes, que ficaram conhecidas como a “Sesmaria do Guayó”, em que a primeira parte doada em sete de janeiro de 1610 e a segunda parte em vinte e um de junho de 1611 (MELO, 2004, p. 11). Não foram encontrados registros do uso destas terras por Domingos de Góes, mas existem documentos que demonstram a transferência destas terras a Lopo Dias, que as deixou, em um testamento póstumo, para os padres da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, e, a partir desse momento, essas terras são efetivamente ocupadas (MARQUES, 1952, pp. 266). A doação se tornou oficial em 1621 e, sessenta e um anos depois da ocupação oficial, em 1682, foi construída

a capela dedicada à Nossa Senhora do Carmo (BURGOS, 2006, pp. 31-33). A Fazenda Biacica teve seus momentos de maior prosperidade no século XVII, e a Fazenda Biacica havia se tornado um expressivo centro de produção de gêneros agrícolas, que utilizava a mão de obra indígena sob regime de servidão, além de africanos escravizados (BONTEMPI, 1970, p.134; PRESTES FILHO, 2010, pp. 39-40). No início do século XIX, com a denominação de “Fazenda Itaim”, iniciou-se um processo de decadência, que foi agravando com a abolição da escravidão, em 1888, que culminou na venda das terras (MARQUES, 1952, p. 200). A partir de 1925 a Chácara Biacica/Fontoura passou a ter diversos proprietários, com a manutenção da capela intacta até o ano de 1935, quando Levén Vampré fez a reconstrução da capela e a incorporou a uma casa com linhas neocoloniais (BURGOS, 2006, p. 32). Na década de 1950, a região em volta da fazenda passou a ter um crescimento acelerado, e as chácaras mais próximas ao centro viraram loteamentos para as classes populares. Em 1994 a construção passa a ser tombada pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental do Município de São Paulo, apesar disso, não foi realizada nenhuma melhoria nesta chácara, que passou a ser chamada “dos Fontoura”, após a compra do imóvel por esta família em 1948. Essa situação fez com que essa construção passasse a ser alvo frequente de invasões e vandalismos (MELO, 2004, p. 127-131). O processo de recuperação deste imóvel foi iniciado a partir da sua inclusão no projeto “Parque Várzeas do Tietê”, lançado pelo Governo do Estado de São Paulo em 20 de julho de 2009, por conta da descoberta do tombamento da construção e de seu valor histórico (SÃO PAULO, 2009).

### **A História Oral como metodologia**

As questões socioeconômicas, apesar de não ser as únicas, podem ser consideradas como fatores principais de influência das relações que uma determinada população possui com os edifícios e/ou monumentos importantes que ficam em seu entorno, e, ao pensarmos especificamente em memória, observamos que ela remete à uma lembrança. Dessa forma, devemos compreender os efeitos dessas lembranças na vida de uma população e no meio em que essa população vive. Para termos a noção do quanto de um determinado monumento influencia na vida das pessoas de seu entorno, a principal linha adotada pelos pesquisadores é o estudo por meio da História Oral. Heródoto e Tucídides, historiadores do período da antiguidade, usavam relatos e depoimentos para a elaboração de seus trabalhos sobre acontecimentos passados, mas, na falta de gravadores, esses relatos não poderiam ser utilizados como ferramentas de consulta. No período medieval os depoimentos também eram utilizados

para a reconstituição de acontecimentos e relatos históricos (ALBERTI, 2004, p. 18). Com a consolidação da *Escola dos Annales* outros tipos de abordagens históricas passaram a ser realizadas, e o limite de entendimento do que chamamos de “documento” foi ampliado. A História Oral é uma dessas vertentes criadas e consolidadas pela *Escola dos Annales*, e pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas, além da História, e amplamente usada quando se estuda as biografias, as tradições orais e as memórias. Ela pode ser empregada como um método de investigação científica, fonte de pesquisa ou técnica de produção, conforme a linha a ser adotada pelo pesquisador. Entretanto, se uma foto não é considerada um espelho da realidade, um relato oral não deve também ser considerado dessa forma, pois ambos são modos de representação de uma realidade, e dessa forma, foram tomadas as precauções para que a História Oral fosse valorizada, mas sem o mesmo significado positivista, no sentido de analisar o fato “como realmente aconteceu”, mas dentro do conceito de que a versão e comparação de diferentes versões e entender, na visão do entrevistado, as relações entre o fato/monumento histórico e a sua vida particular, e entender como o passado é entendido por diferentes grupos (SALVATORI, 2008. p. 53; ALBERTI, 2004, pp. 17 a 19).

Todos os procedimentos metodológicos apresentam diversas potencialidades, mas devemos considerar que todos eles possuem os seus limites. A considerar, de forma específica, a História Oral, a sua forma de aplicação cobre apenas os períodos contemporâneos, dentro da história do tempo presente, e não é possível entrevistar um habitante do Itaim Paulista nascido no século XIX (BOSI, 1983 *apud* SALVATORI, 2008, p. 54). Essas situações, segundo Delgado, devem ser encaradas como desafios a serem superados, e essa mesma subjetividade também envolve no momento em que a entrevista é transcrita para um documento escrito. A conjuntura também é um fator influenciador, visto que as visões sobre um determinado fato variam conforme à época. Para Delgado as potencialidades da História Oral superam as dificuldades dessa metodologia (2010, p. 20). A observação da percepção dos que vivem a sua volta de um patrimônio histórico, analisado através dos relatos de experiências vividas e relatos de terceiros que foram escutados pelos entrevistados anteriormente não pode ter o intuito de promoção de um resgate da memória de um bem patrimonial, ainda que possamos falar sobre algo que seja tangível, como, no caso da Chácara Biacica/dos Fontoura, um edifício construído com várias utilizações anteriores.

### **História Oral; direito à cidade; enraizamento e desenraizamento**

O historiador Henri Lefebvre, no ano de 1968, indicava em seu livro “*O direito à cidade*”, que reivindicava uma cidadania integral para todos os habitantes da cidade, e entendia o direito à cidade como uma ação coletiva política e cultural. Nessa obra, Lefebvre busca conceituar que o direito à cidade deve abranger todos que vivem nos municípios, que usam e se apropriam na realização de atividades básicas, como a ida aos lugares típicos das cidades, e ele exemplifica as praças e os supermercados como locais comumente frequentados pela população (LEVEBVRE, 2012 *apud* AULA e SILVA, 2019, p. 15 e 16). Os patrimônios históricos desempenham um papel fundamental para a construção de uma identidade social, e uma referência obrigatória na construção de uma visão sobre a pessoa em si, além das demais pessoas e do mundo em sua volta. Eles fazem os moradores terem sentimentos diversos entre si em relação à um patrimônio histórico, pois alguns podem vê-lo como algo que o aconchega ou como algo que o causa estranhamento ou temor. As cidades não indicam apenas paisagens, mas um lugar de compartilhamento de elementos culturais, e, quando se estuda um patrimônio histórico-cultural, deve se levar em consideração a coletividade e, de forma específica, nas médias e grandes cidades, como o município de São Paulo, também se discutir sobre a preservação, conservação e destruição parcial e/ou total desses patrimônios históricos (SALVATORI, 2008, p. 48-49). O direito ao enraizamento, de acordo com Simone Weil, é uma das necessidades vitais dos seres humanos, e a falta do enraizamento é descrita por ela como algo que pode nos levar à uma situação de desagregação. A importância da memória e do passado e da relação deste com o direito ao enraizamento, é descrita por Ecléa Bosi, que também descreve sobre a imprescindibilidade do resgate da potência das fontes orais na reconstrução do passado, em meio da forte abrangência de dominação de dispositivos tecnológicos e aos deslocamentos impostos pelas atividades contemporâneas, principalmente quando levamos em consideração à situação dos habitantes das grandes cidades (BOSI, 2012 *apud* GUERRA, 2019, p. 199). O lado oposto, o desenraizamento, é apontado por como a ausência total ou parcial de uma ou de mais necessidades da alma, sem as quais os indivíduos e a sociedade adoecem. Quando analisamos as grandes cidades, principalmente nas principais metrópoles, podemos ver que a dinâmica desses locais contribuem para o desenraizamento, e esse cenário afeta as pessoas em relação a vida social no tempo presente, mas, também, nos vínculos com o passado e a memória, visto que, para Weil, o desenraizamento faz com que os principais suportes que contribuem para a consolidação dos momentos coletivos, as possibilidade de comunicação e os vestígios materiais, sejam dispersos, diminuídos ou dizimados (2001 *apud* GUERRA, 2019, p. 204 e 205). A vida nas grandes cidades está conectada com a sua morfologia de forma vital, e,

consequentemente, isso afeta o cotidiano e as práticas culturais, e essa espécie de desconexão surge a partir em que a especulação imobiliária e as grandes intervenções urbanas alteram a configuração da paisagem, do traçado urbano ou contribuem com a deterioração das condições de vida. O sentimento de pertencimento das pessoas, relacionados aos lugares, que, em outros tempos serviram como pontos de amarração de sua identidade, desaparece de forma gradativa, e um determinado espaço, que antes era algo de grande importância para a região à sua volta, perde o seu sentido. Esse apagamento dos vestígios materiais, e a deterioração das relações sociais, são a cerne do que podemos classificar como desenraizamento (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 368 *apud* GUERRA, 2019, p 205; e GUERRA, 2019, p. 205).

### **Acompanhamento da monitoria e realização das entrevistas**

#### ***A monitoria***

No dia 08 de setembro de 2022, acompanhamos junto com Marcos Antonio Dos Santos, monitor ambiental do parque, que também é historiador, em uma das monitorias que ele promove no parque para os frequentadores do Clube Escola Balneário Geraldo Alonso, da Prefeitura de São Paulo, localizado no bairro de Santana, onde a maioria dos visitantes moram. Notamos que o grupo era formado, predominantemente por idosos ou de pessoas que estavam próximas de chegar nessa faixa etária. Quem coordenava a excursão eram três pessoas: O Minoru Furuya, Analista de Informações, Cultura e Desporto da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer da Prefeitura de São Paulo; Letícia Milene, estudante de Gestão Ambiental na EACH/USP que estava a fazer o seu estágio na mesma organização, e outra funcionária, que não conseguimos pegar o seu nome. Próximo à entrada do parque, antes do início da monitoria, o monitor ambiental explicou para os visitantes brevemente sobre a história do parque, e a sua relação com o local. O Marcos informou que costumava frequentar o local desde criança, e comia os peixes de uma lagoa localizada dentro da área que viria a ser o Núcleo Itaim Biacica. Ele informou, também, um pouco sobre a presença dos Guaianases nos primórdios de sua colonização. Depois foi iniciada a caminhada pelo parque.

O monitor ambiental, durante o trajeto, não contava apenas a história do parque, mas, também, da colonização do local, em uma linguagem que fosse melhor entendida por aqueles que não tiveram um ensino de história adequado durante a educação básica, e por aqueles que não chegaram a completar. Não haviam, com exceção do monitor ambiental, alguém que tivesse

uma formação em História, mas o foco dessas monitorias não eram os acadêmicos. O Marcos buscava utilizar os seus conhecimentos de monitor ambiental, de morador do Itaim Paulista e de historiador, para dar as principais informações sobre o Núcleo Itaim Biacica, e, nessa linha, também explicou sobre as questões ambientais para os visitantes, os levando para uma área do parque em que a vegetação se encontrava preservada. Por conta da colonização, a vegetação original foi quase suprimida, mas, com o fim do auge da então Fazenda Biacica, e a consequente interrupção da atividade agrária, a mata passou por um processo de recuperação. Nesse trecho preservado, ele apontou a presença de líquens, que só existem em lugares onde o ar é limpo, o que mostra a qualidade do ar naquele trecho do parque, e também um ponto em que existem vários bambus plantados, que ele prefere chamar de “taquara” (nome original dado pelos indígenas à essas plantas), informando que elas eram usadas como canhões pelos bandeirantes - alimentadas com pólvora. O momento principal da monitoria veio depois do período de descanso, quando chegamos em frente ao Casarão Biacica, onde as pessoas se interessaram mais em tirar fotos, e onde Marcos mais utilizou o seu lado historiador. Ele explicou os motivos para a construção ainda estar isolada, e sobre a impossibilidade de entrada de visitantes em seu interior. Os visitantes da monitoria estavam impressionados e se interessaram muito pelo que Marcos tinha a dizer, e demonstraram surpresa com os relatos fornecidos sobre a colonização da região e do processo de exploração da mão de obra indígena que ocorreu no local nos tempos coloniais.

### *As entrevistas*

No momento em que estávamos nos deslocando para as mesas, para o momento do lanche, realizamos as primeiras entrevistas, ao mesmo tempo que andávamos e o primeiro dos entrevistados foi Paulo, de 67 anos, que trabalha como electricista. Quando perguntei sobre o que entende sobre Patrimônio Histórico, ele disse que “*está sendo destruído por invasores*”, e que a história “*está a ser deturpada para o lado político*”, e também disse, talvez por conta do período eleitoral, no momento em que a monitoria era realizada, que o “*patrimônio dão dá eleições*” e “*por isso está abandonado*”. Quando perguntei se conhecia o local, Paulo disse que não conhecia a história do Casarão Biacica e também não conhecia o Núcleo Itaim Biacica, mas conhecia o Parque do Carmo e o Parque Ecológico do Tietê, que possuem histórias diferentes, mas ele entendeu que o foco das perguntas estava nos parques municipais/estaduais localizados na Zona Leste de São Paulo, e na visita das pessoas a esses locais. Entretanto, ele disse que, ao



saber sobre a história do local, gostou bastante do aprendizado e recomendará o parque para as pessoas que conhece. Depois disso, agradecemos pela colaboração e tratamos de procurar mais uma pessoa para ser entrevistada.

A segunda pessoa que entramos em contato foi Paulo Roberto, de 63 anos, que era aposentado e vive no bairro da Vila Nova Cachoeirinha. Quando perguntei se conhecia o Núcleo Itaim Biacica e o Casarão Biacica, antes da monitoria, ele disse que “*não conhecia, mas conheço o bairro*”, da mesma forma que “*não sabia da origem*” e que ao ser informado pela Prefeitura sobre a monitoria, quis ir “*de imediato*”. Ele diz que é importante “*reescrever a história*”, pois entende que ele e os demais “foram enganados” ao serem ensinados, na época do colégio, de uma forma diferente. Ele foi professor de física e de matemática antes de se aposentar, mas “se interessa por História” e “pelas origens”, apontando que a história humana foi contada “*por aqueles que interessam*”, o que foi entendido como uma crítica a ao ensino de História que ele teve em sua época de colégio. E disse que é “*bom saber que está tudo atualizando*”, e que se interessou pelo trabalho da monitoria de “*revisão da história dos bandeirantes*” e gostou da história contada sobre as plantas que estão no parque. Quando perguntei sobre o que entende sobre Patrimônio Histórico, Paulo Roberto disse que é para “*conhecer as origens*”. Ele perguntou de forma mais específica sobre o motivo das entrevistas, informamos que era para uma dissertação de mestrado, e ele perguntou “*de onde*”, e respondemos que era “*da USP, a USP Leste*”<sup>3</sup>, o que fez com Paulo Roberto explicasse que conhece parentes que trabalham por lá, mas na Cidade Universitária. Ao final, agradecemos pelas informações.

Tentamos contato com frequentadores do parque para observarmos a percepção dos moradores da região sobre o Núcleo Itaim Biacica e de sua história, em conjunto com o Casarão Biacica. A primeira pessoa que encontramos foi Antônio, de 40 anos, que estava se exercitando no momento em que entramos em contato, nos informando que trabalha como segurança e estava de folga no dia em que foi entrevistado. Ele disse que mora “a dez minutos” do local, e “*acha bonito*”. Antonio disse que frequenta o Núcleo Itaim Biacica “desde sua inauguração”. Perguntado sobre o Casarão Biacica, ele disse que, sabia “*dos índios*” e disse, com certo tom de dúvida, que “*Dom Pedro I passou por aí*”. Quando dissemos que Dom Pedro I nunca passou “*por aqui*”, ele se surpreendeu e disse que “*não sabia*”. Quando perguntado sobre o que entende de Patrimônio Histórico, Antonio disse que “*conhece um pouco sobre escravidão*” e,

---

<sup>3</sup> A maioria das pessoas que não são alunas da EACH/USP conhece essa instituição pelo nome do local em ela está localizada.

também, sobre “*os negros escravos*”. Quando explicamos que, nesse local, a escravidão foi “*mais indígena*”, ele também se impressionou, talvez por conta da ideia que ele tinha de somente terem existidos escravos negros, mas, no caso específico do local, a mão de obra escrava era predominantemente indígena. Ele também contou sobre uma invasão que ele mesmo fez no local, antes de sua abertura, e sua entrada no Casarão Biacica para a “*ver o que tinha dentro*” ao ver os azulejos e disse que tentou “*adivinhar o que era a obra*”. Ele lembrou sobre o roubo de uma estátua (a da Bartira), e perguntou para nós: “*Não era a Índia?*”. Antonio reclamou sobre a falta de parques na região e ele citou que antes “*daqui*” só “*tinha o Chico Mendes*” (outro parque, este municipal, localizado no distrito vizinho de Vila Curuçá), e que “*aqui [Núcleo Itaim Biacica] é o melhor da Zona Leste*”. Depois desse comentário, Antonio perguntou para mim sobre a idade do Casarão Biacica, e eu respondi que tem mais de trezentos anos e ele ficou impressionado com a resposta. Após a conversa com ele, agradecemos pela entrevista e ele voltou a praticar os exercícios.

A próxima pessoa que encontramos para a entrevista foi Carlos, de 47 anos, que veio caminhar com a sua esposa no parque, e que mora no Jardim Romano – um bairro próximo do Núcleo Itaim Biacica. Da mesma forma, que em outras entrevistas, mas por um motivo diferente, realizamos as perguntas andando com eles, pois eles não se mostraram dispostos a parar para responder as perguntas. Iniciamos com a pergunta sobre quanto tempo ele frequenta o parque, e ele respondeu que é frequentador desde a sua inauguração. Perguntado sobre o seu conhecimento sobre o Casarão Biacica, ele disse que “*não conhece nada*” e que “*só faço caminhada, e nunca parei para saber*”. Quando perguntado sobre o que imagina ser o patrimônio histórico, ele disse que “*é um bem*” e “*o histórico é por ser algo por trás dele*”, e completa com a declaração de que “*como tem tempo, precisa ser preservado*”. Ele questiona a questão da preservação, apesar de “*entender a restauração*” de edifícios históricos, mas não sabe o que “*isso poderá contribuir para a comunidade*”. Depois de agradecermos e terminarmos a entrevista, ele acelerou o passo e se afastou, como se quisesse ter encerrado a entrevista mais cedo. Depois da elaboração da entrevista, encerramos os trabalhos nesse dia e saímos do parque.

### **Considerações Finais**

A inauguração do Núcleo Itaim Biacica foi benéfica para os moradores que estão ao seu redor, se compararmos com o cenário anterior em que a Capela Biacica e a área que forma a Chácara Biacica/dos Fontouras estava em estado de semiabandono e fechado à visitação, o que

torna a situação ainda mais grave, se considerarmos que não existe outro parque nas proximidades. A inauguração do Núcleo Itaim Biacica, especificamente, levou em consideração às questões políticas, visto que a inauguração de um parque, em um local populoso e carente desse tipo de equipamento gera um benefício político alto para quem o inaugura, mas não tem o mesmo potencial turístico, pois não atrai turistas de outras cidades. Não foi percebida a mesma preocupação em relação à principal atração, o Casarão Biacica, que, pelo fato de ter sido o local em que o Itaim Paulista foi fundado, entendia-se que essa construção seria considerada prioritária, e que seria feito um grande trabalho por parte do Governo do Estado, que poderia também ser em conjunto com a prefeitura paulistana, para a divulgação da história do Itaim Paulista para aqueles que moram na região, o que, também, poderia ser um fator para que estes desenvolvessem o sentimento de cidadania em relação ao local onde vivem. Esses trabalhos são realizados, predominantemente, pelo Marcos Antonio Dos Santos dentro de sua formação como historiador e de suas atribuições como monitor ambiental. Nos dois casos, interesses alheios à questão do Patrimônio Histórico se sobrepuseram ao que realmente deveria ser considerado como foco, e a população que vive em seu entorno, cuja a maioria não teve a possibilidade de estudar a educação básica e trabalha em longas jornadas de trabalho em locais distantes de suas residências, por conta dos poucos postos de trabalho existentes nos distritos do Itaim Paulista, Jardim Helena e arredores. Como eles não se apropriam desse espaço como um marco importante em relação à região onde moram, eles não desenvolvem a cidadania plena, e imaginam que o Itaim Paulista não tem o mesmo peso histórico do que os distritos mais conhecidos da capital paulista, ainda que estes sejam mais novos. O trabalho que vem sendo feito pelo monitor ambiental e pela equipe que administra e cuida do parque é importante, mas esse importante trabalho precisa ser ampliado por parte do poder estatal.

## **Referências**

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. C. N. (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo**. Campinas: Autores Associados, 2010.

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2ª ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AULA, I.; SILVA, R. H. A. Metodologia Sensobiográfica: Novos conhecimentos sobre o sensorio urbano. In: MAIA, A. C. N. (org.) **História oral e direito à cidade: Paisagens urbanas, narrativa e memória**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

BONTEMPI, S. **O bairro de São Miguel Paulista**: a aldeia de São Miguel de Ururá na história de São Paulo. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1970.

BURGOS, R. Itaim Paulista: De subúrbio a periferia urbana da metrópole de São Paulo. In: SILVA, J. L. (org.) **I Concurso Literário do Estado de São Paulo**. São Paulo: Arte e Ciência, 2006.

BURGOS, R. Chácara Biacica: Um Itaim Paulista com mais de 400 anos. **Site Itaim Paulista**, 11 de maio de 2010. Disponível em: [https://www.itaimpaulista.com.br/portal/historia\\_bckp01092014.php](https://www.itaimpaulista.com.br/portal/historia_bckp01092014.php). Acesso em: 27 mai. 2022.

CARVALHO, J. M. Cidadania, estadania, apatia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 8, 24 jun. 2001.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARVALHO, J. M. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUERRA, K. B. Histórias de vida e o direito ao enraizamento. In: MAIA, A. C. N. (org.) **História oral e direito à cidade**: Paisagens urbanas, narrativa e memória. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

INSTITUT FÜR SOZIALFORSCHUNG AN DER JOHANN WOLFGANG GOETHE-UNIVERSITÄT. **Institut**. Disponível em: <https://www.ifs.uni-frankfurt.de/institut.html>. Acesso em 30 mai. 2022.

MARINS, A. R. **Pensamento crítico e emancipação: um estudo sobre a semiformação nos cursos técnicos**. 2018. Tese de doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-28112018-155613/en.php>. Acesso em 30 mai. 2022.

MARQUES, M. E. A. **Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo: seguidos da cronologia dos acontecimentos mais notáveis desde a fundação da Capitania de São Vicente até o ano de 1876 (v .2)**. São Paulo: Martins Fontes, 1952.

MELO, J. M. **Itaim Paulista**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2004.

MOGENDORFF, J. R. A Escola de Frankfurt e seu legado. **Revista Verso e Reverso**, Porto Alegre, v. 26, n. 63, pp. 152-159, 2012. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2012.26.63.05>. Acesso em 30 mai. 2022.

SAES, D. A. M. A questão da evolução da cidadania política no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, pp. 379-410.

SALLUM JUNIOR, B. **Labirintos**: dos generais à nova república. São Paulo: Hucitec, 1996.

SALVATORI, M. A. B. **História, ensino e patrimônio**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2008.

SANTOS, W. G. **Cidadania e Justiça**: a política social em uma ordem autoritária. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

SÃO PAULO (Estado). **São Paulo terá o maior parque linear do mundo**. São Paulo, 20 jul. 2009. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=203054>. Acesso em: 28 mai. 2022.